



ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}C$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.º 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivlia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadeira sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa
Mariana Santos
- 2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade
Florbel Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 “Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História
Sara Brito
- 2125 “Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 O ensino da Arqueologia em Portugal
Jacinta Bugalhão
- 2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema
Ana Cristina Martins
- 2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego
António Batarda Fernandes
- 2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses
Ivo Santos
- 2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica
Gertrudes Branco
- 2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

O SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE SÃO SIMÃO, PENELA

Sónia Vicente¹, Flávio Simões², Ana Luísa Mendes³

RESUMO

O Sítio Arqueológico de São Simão localiza-se no vale do rio Dueça, no concelho de Penela, Distrito de Coimbra. Alvo de várias intervenções ao longo do século XX e XXI, revelou nestes últimos sete anos de investigação arqueológica, um elevado potencial de estudo e musealização.

A presença da *villa* romana testemunha a ocupação desde os finais do séc. II/III d.C, posteriormente reocupada por uma população de cultura suevo-visigótica. Este espaço converteu-se num lugar de culto, acolhendo eremitas e conventuais na idade média, necrópole e capela, na época moderna.

A longa diacronia do Sítio destaca-o dos demais espaços arqueológicos em investigação e abertos ao público, oferecendo um forte testemunho das várias culturas que passaram por este território.

Palavras-chave: *Villa* romana; *Pars urbana*; Mosaicos; Idade média; Necrópole moderna.

ABSTRACT

The Archaeological Site of *São Simão* is placed in a valley, by the *Dueça* river, in *Penela*'s municipal territory. Aim of several interventions along the XX and XXI centuries, as revealed a high potential of study and musealization, especially in the last seven years.

The roman *villa* is the occupation's testimony since the II/III centuries, followed by swabian-visigothic culture's material evidence. Later, throughout the medieval age, this place was made a sacred floor with a hermitage's installation, afterwards occupied by Franciscans, and by a necropolis and a chapel, during the modern age.

The Site's long diachrony highlights it from other archaeological places, with investigation and public visit, offering a strong testimony of the several cultures that occupied this territory.

Keywords: *Roman Villa*; *Pars urbana*; Mosaics; Medieval Age; Modern necropolis.

1. INTRODUÇÃO

O Sítio Arqueológico de São Simão localiza-se no adro da Capela da Senhora da Graça, em S. Simão, Penela. A principal ocupação humana do sítio é testemunhada pela *pars urbana* de uma *Villa* romana, que terá sido construída entre os finais do século II d. C. e inícios de século III d.C., e ocupada até meados de séc. V d.C. A *Villa* romana pertenceu ao antigo *município de Conimbriga, Conventus Scalabitanus*, na Província da *Lusitania* (Pessoa, 2005, p. 366).

O local foi identificado no princípio do século XX por Pedro de Azevedo, no “O Archeologo Português” (1902, p. 60), referindo que o sítio era do conheci-

mento dos seus habitantes há décadas. No espaço teriam identificado um esqueleto em sepultura de alvenaria e pedrinhas miudinhas, de cor branca e azul. Na década de 80, o sítio volta a ser referido por Salvador Dias Arnaut e Pedro Dias (1983, p.80) e por Jorge d'Alarcão (1988, p.101). Os acompanhamentos arqueológicos realizados no Adro da Capela da Senhora da Graça, ao longo dos últimos anos, revelaram pavimentos musivos, estruturas em alvenaria e muito material de tipologia romana (Pessoa, 2001; 2004; Rodrigues, 2012).

Em 2015, durante o acompanhamento da obra para a execução de rede pública de drenagem de águas residuais a *Villa* romana “reapareceu”, revelando

1. Museu da Villa romana do Rabaçal / Câmara Municipal de Penela / sonia.vicente@cm-penela.pt

2. Museu da Villa romana do Rabaçal / Associação de Amigos da Villa romana do Rabaçal / pintofm_2@hotmail.com

3. Museu da Villa romana do Rabaçal / Câmara Municipal de Penela / ana.ravara@cm-penela.pt

uma extensão de mosaicos romanos intactos sob a via pública e, provavelmente, nos terrenos agrícolas, a sul (Vicente *et al.*, 2015). A estratigrafia quase selada e mosaicos bem conservados, motivaram a reformulação do projeto de saneamento e deram início ao Projeto Investigação Plurianual de Arqueologia (2016-2019). Pretendeu-se compreender as alterações arquitetónicas, assim como a sua posterior ocupação enquanto necrópole, contribuindo então, para o estudo do território rural Conimbricense, projetando, por fim, a musealização/exposição pública e salvaguarda futura do sítio.

2. A VILLA ROMANA: ESTRUTURAS IDENTIFICADAS

À semelhança das *villae* identificadas no *municipium de Conimbriga*⁴ (Fig. 1), a *Villa* romana de São Simão localiza-se na bacia do rio Dueça, que atravessa o vale no sentido Sul/Norte (Alarcão, 1999; Pessoa, 2005). A presença de água foi fundamental para o sucesso da estrutura fundiária aqui presente, assim como para o bem-estar da família que cá viveu, entre o séc. II/III d.C. e V d.C. O cenário bucólico transforma a *Villa* num espaço prazeroso, harmonioso, de paz e sossego, contrariando a vida agitada da cidade (Cordeiro, 2014, p. 210).

A *Villa* está implantada numa área privilegiada, soberbeira ao rio e protegida por uma cumeada que a resguardava dos ventos. A *pars urbana* tem orientação (SSO-NNE) revelando, assim, preocupações básicas com o aquecimento da habitação (Fig. 2).

A presença de material de construção, especificamente utilizado em áreas aquecidas, coloca-nos perante a hipótese da existência de termas ou de uma sala aquecida. A presença de um espaço com estas características tornaria a estadia da família e dos seus convidados muito mais agradável, reduzindo as diferenças de comodidade entre a cidade e o campo. Por analogia com outras *villae*, a produção agrícola diversificada e abundante exigia que a área estivesse dotada de uma *pars rustica* capaz de transformar e armazenar toda a produção agrícola do *fundus*. Desta forma, admitimos a existência de armazéns, oficinas, eiras, lagares, área da tecelagem, a forja, a olaria, toda a espécie de estruturas necessárias para o sustento económico da *Villa*.

4. *Villa* Romana do Rabaçal, *Villa* Romana de Santiago da Guarda.

Não estando a planta da *pars urbana* totalmente definida, é possível perceber que a casa se desenvolve em redor de um pátio central de forma quadrangular, o *peristylum*, ladeado por alas ou corredores (e, f, g, h) que permitem a circulação e acesso aos diferentes compartimentos da habitação (Fig. 3 e 4).

As áreas de circulação comuns da casa eram pavimentadas a mosaico. A passagem do corredor (c) e as alas do *peristylum* (e, f, g, h) para os diferentes compartimentos era marcada por grandes soleiras calcárias, sendo possível observar as recravas do encaixe das portas. Associado às soleiras encontramos painéis – “tapetes” de mosaico que assinalavam a transição entre compartimentos.

O *peristylum* com colunata era ornamentado por um “espelho de água”, ao centro, o *impluvium* (k). Este é revestido a *opus signinum*, com bordadura a mosaico, decorado por uma faixa de semicírculos secantes e tangentes que formavam ogivas e escamas (Balmelle, 1985, pp. 98-99). Originalmente o *impluvium* tinha mosaico parietal, testemunhado através da marca deixada pelas tesselas no *opus signinum* ainda existente. A decoração representada seria a mesma que observamos na bordadura, uma composição de faixa de semicírculos secantes e tangentes que formavam ogivas e escamas (Balmelle *et al.*, 1985, pp. 98-99), criando a ilusão ótica do movimento da água (Vicente, 2021). A conservação do mosaico parietal terá sido algo problemática, pois a determinada altura da ocupação da habitação o revestimento foi substituído por *opus signinum*.

A identificação dos compartimentos é baseada em critérios arquitetónicos e elementos decorativos pelo que, esta deve ser entendida como uma proposta, já que a investigação está em curso e a interpretação atual não é definitiva. Os espaços identificados exibem, na sua maioria, pavimento decorado a mosaico com motivos variados de composições geométricas, desde as mais simples às mais complexas, de cor branca e preta à policroma, respetivamente (Fig. 5).

A descrição apresentada em seguida teve como critério a ordem de descoberta das estruturas, apresentando-se os compartimentos, a sua descrição e a letra correspondente à planta.

A *culina* ou cozinha (a), identificada pela presença de lareira e um possível lastro de forno, formado por tijoleiras, apresenta o restante pavimento em *opus signinum*. Possui dois acessos, um pela ala oeste do *peristylum* (h) e outro pelo *triclinium* (b).

O *triclinium* (b), espaço nobre da casa, destinado às refeições é, até à data, o compartimento identificado com a maior área. Possui um mosaico central, muito destruído, mas que ainda conserva três molduras. Este seria, provavelmente, bastante elaborado e ladeado por “tapetes” de mosaico de composição mais simples.

Muitos dos compartimentos não têm, ainda, a função atribuída. Contudo, o programa decorativo dos mosaicos revela tratar-se de espaços de grande aparato que poderiam ser destinados a receber convidados, espaços de lazer comum ou zonas privadas da habitação.

A este, o compartimento d) e d’), de grandes dimensões, divide-se em duas áreas distintas, ambas pavimentadas a mosaico policromo, cuja transição entre elas sugere ter sido bastante ornamentada. O painel principal da sala apresenta, ao centro, composição de meandro de cruz suástica, em dupla volta e volta invertida, policromo. O remate a oeste tem um painel com encanastrado, policromo. A este, um painel com triângulos isósceles em redor de um quadrado, simulando as velas de um moinho (Balmele *et al.*, p. 30, 121, 212, 294). O painel central tem paralelo com o mosaico do *oecus* da *Villa* romana do Rabaçal. O mosaico (d’) apresenta composição ortogonal de meandro de suástica, de volta simples e quadrados, decorados com trevos de quatro folhas, alternando na cor vermelha e amarela. Esta composição encontra paralelos no mosaico da Casa del Mitreo, em Mérida, Espanha (Freijeiro, 1978).

A divisão (i) exhibe apenas, uma pequena parte do pavimento em mosaico. Decorado com remate à parede com duas faixas a negro, uma delas denticulada e uma roseta no canto. A restante área terá sido destruída durante as obras no atual adro da capela.

A oeste, identificámos dois dos compartimentos com decoração musiva mais exuberante, provavelmente, correspondentes a uma das últimas fases de remodelação da casa romana. O compartimento (j e j’) exhibe duas áreas musivas distintas, separadas por um degrau, de composição muito elaborada com uma paleta cromática muito variada. A entrada é feita pela ala oeste do *peristylum* (h), com soleira (posteriormente emparedada) seguida por uma inscrição com duas linhas de texto (Encarnação, Vicente, 2019), voltadas para quem entrava nesta sala (Fig. 6). No centro da inscrição surge uma grande lacuna, possivelmente associada ao desgaste da zona de passagem ou à destruição intencional, por fazer re-

ferência a algo ou alguém que se quis ocultar.

A proposta de interpretação da inscrição, realizada por José d’Encarnação, aponta para uma recomendação na utilização do mosaico, através da expressão:

VTE(re) FE[LIX SINE] CALIGIS
CATVR[O MARTI] DEO

“Usa com felicidade, sem botas!”, recordando a inscrição de Torre de Palma, onde se recomenda o uso de uma escova macia na limpeza do pavimento.

“Dedicado por Caturão ao deus Marte”, uma oferta do dono da *Villa* ao deus da guerra (?) e bastante venerado na Lusitânia.

O painel principal tem composição reticulada de quadrados com estrela de oito losangos (Balmelle *et al.*, 1985, p. 238). Ao centro, com uma barra de ondas, com fundo em degradé, emoldura uma composição central de círculos grandes e pequenos, alternados e entrelaçados, executados com trança de três fios, determinando um octógono irregular, côncavo, ao centro (Balmelle *et al.*, 1985, pp. 272-273, 369). No interior do único círculo intacto, surge um florão formado por quatro cálices bífidos com apêndices.

Separado por um degrau, identificámos um segundo pavimento muito destruído pelo atual muro do adro da capela. O mosaico, identificado em 2001 (Pessoa, 2001), apresenta alguns elementos que nos permitem fazer uma interpretação mais completa. Tem motivo circular, possivelmente, um nó de Salomão, seguido de duas barras de tesselas brancas e pretas; na continuação do motivo insinua-se uma pelta. Existe, possivelmente, paralelo para este pavimento em Santiago da Guarda, Portugal (Ribeiro, 2015).

O compartimento (l), com hipocausto, tem acesso pela ala este do *peristylum* (g), contudo a estrutura identificada, pertence a uma segunda fase de construção, onde ocorre o emparedamento da porta. A anulação está relacionada com a construção do hipocausto para uma sala aquecida ou para o *caldarium* de um *balneum* romano.

No compartimento (m) foi identificado apenas a moldura de remate de um pavimento musivo que se perspetiva identificar em futuras escavações.

O compartimento (n) é uma sala de grandes dimensões, com pavimento em *opus signinum*, com uma abertura/porta monumental que dá acesso à ala oeste do *peristylum* (h).

O compartimento (o, o’ e o’’) é composto por três áreas distintas, umas das quais absidada, separadas

por um degrau revestido a *opus signinum* e pintado em xadrez, branco e preto (Fig. 7). Todas as áreas são pavimentadas a mosaico de grande exuberância decorativa atribuído ao século IV d. C (Pessoa, 2005). O pavimento principal é emoldurado por linha de semicírculos, formando ogivas, decoradas no interior com triângulos policromos. Possui um tapete formado por quatro quadrados com motivo encastrado. O painel central, tem um círculo inscrito num quadrado, com composição de quadrados que formam um nó de Salomão, entrelaçado por círculos (Pessoa, 2005). No exterior do círculo, ocupando o espaço livre, entre os cantos do quadrado, surgem cântaros. Estes elementos serão uma peça composta por uma jarra de vidro, cintada por uma tira de couro ou metal que agarra às asas, em voluta (Vicente, 2021). As jarras apresentam arranjo com dois juncos negros estilizados, representativos da flora local.

O mosaico da área absídada (o'), que encabeça a sala, apresenta uma composição em escudo de escamas, que formam triângulos alternados na cor. Este pavimento encontra paralelos em Santiago da Guarda, Ansião (Ribeiro, 2015) e na *Villa Romana* do Rabaçal, Penela, Portugal.

Na área lateral (o''), o mosaico é composto por linha de pares de peltas tangentes, adossadas, em alternância de cor com triângulos no apêndice. Existe paralelo para este pavimento em Santiago da Guarda, Portugal (Ribeiro, 2015).

O requinte decorativo da habitação é testemunhado pelos ricos pavimentos de mosaico e também pela decoração das paredes da casa. Estas possuíam pinturas murais e estuques moldados, criando assim, um cenário de grande profusão decorativa, demonstrando um gosto estético rebuscado.

3. AS REFORMAS CONSTRUTIVAS E FUNCIONAIS

A *pars urbana* da *Villa romana* terá sido construída nos finais do século II d. C., inícios de século III d. C., atingindo o seu auge arquitetónico e estilístico durante o século IV d.C. Nos finais do século IV d.C./inícios do séc. V d.C., verifica-se o início do processo de degradação do edifício. Terão contribuído, para esta situação, diversos fatores como as dificuldades financeiras da família e os constrangimentos socio-políticos no território de Conímbriga, estes poderão ter culminado com o abandono da casa, em meados do século V d. C.

Algumas das remodelações estarão, ainda, relacionadas com fatores naturais, provocados por invernos rigorosos, associados à subida repentina das águas do rio, que rapidamente atingiriam a habitação e o seu interior. O *impluvium*, “espelho de água” da casa, seria o condutor do excesso de água dos terrenos, propiciando as frequentes inundações. Este problema terá conduzido à procura de soluções mais ou menos eficazes como a anulação de espaços e a construção de barreiras/canais de drenagem de águas pluviais, na busca de proteção da habitação numa época mais tardia (Vicente, 2019).

As paredes originais da habitação, que correspondem à edificação da *pars urbana*, foram feitas com aparelho regular, bem facetado e revestido, quase sempre, com argamassa de cal, com acabamento pictórico e remate ao teto. A estas estruturas estão associados os revestimentos parietais que rematam perfeitamente ao rodapé do mosaico. Estes pavimentos musivos serão os mais antigos da *Villa*, revelando esquemas gráficos muito simples, austeros, em cor negra e branca, encontrando paralelos nos mosaicos de Conímbriga, nomeadamente na “Casa de Cantaber” e “Casa da Cruz Suástica” (Oliveira, 2005), datados dos finais do século II d.C. início do século III d.C.

Durante os meados do século III d.C. e início do século IV d.C., decorreram reformas regulares e circunscritas a determinadas áreas da habitação. O compartimento (l), (d') e corredor (h) terão sido objeto de transformação em pleno séc. III d.C. Os pavimentos e as composições musivas identificados nestes espaços têm paralelos datados de meados do século III d.C. até início de século IV d.C. (Vicente, 2021).

As grandes reformas terão chegado durante o século IV d.C., período em que se observa o maior investimento na remodelação da *pars urbana*. A área oeste terá sofrido obras de fundo. Os pavimentos musivos construídos durante este período apresentam grandes semelhanças com as *villae* escavadas no sul do território de Conímbriga: a *Villa romana* do Rabaçal e a *Villa Romana* de Santiago da Guarda (Pessoa, 2005; Ribeiro, 2015). As composições musivas observadas nestes dois sítios, assim como a técnica construtiva e o tipo de material utilizado (calcário) sugerem equipas de mosaicistas contemporâneas ou, quiçá, as mesmas. As alterações estudadas passam também pela construção de paredes de pedra tosca, irregular, alternada por fiadas de *lateres* de dimensão variada. Na área não existe qualquer revestimento

parietal, como acontece na zona mais antiga da habitação, contudo, julgamos que terão sido rebocadas, mas com um material de menor qualidade.

Por fim, num período mais tardio, finais de século IV d.C., testemunhamos a colmatação de diversas lacunas com *opus signinum* de muito boa qualidade. É o caso dos mosaicos do compartimento (j), que apresenta o centro do painel e a inscrição junto à soleira da porta com uma boa área coberta com este material. Finalmente, e não muito longe deste período, a riqueza e opulência da casa, nos inícios do século V d.C., terá desaparecido e dado lugar a tempos de carência e reduzida capacidade financeira. Os investimentos nos mosaicos revelam falta de mão de obra experiente ou capaz para executar as reparações necessárias (Vicente, 2021).

As reformas ao longo dos séculos terão sido motivadas por vontade dos seus proprietários, mas outras terão sido realizadas por necessidade, para solucionar problemas estruturais na habitação.

4. OCUPAÇÃO MEDIEVAL E DE ÉPOCA MODERNA

Durante a Antiguidade Tardia, finais do século V d.C. e início do século VI d.C., a *pars urbana* foi ocupada por novas gentes, povos com usos e costumes diferentes da cultura romana, observando-se a reorganização arquitetónica de algumas áreas da habitação (Vicente, 2021).

A título de exemplo, o compartimento do *triclinium* sofreu grandes alterações com a construção de uma parede com aparelho de talhe irregular e material inferior, assente diretamente sobre o mosaico, reduzindo em um terço a área do compartimento. Supomos tratar-se de uma remodelação tardia da ocupação. Pelos resultados do georadar, feitos em 2018 (Barraca, 2018), foi possível averiguar que também a área sul do compartimento foi reduzida com outra parede.

Envolto ainda em algumas incertezas, temos também o testemunho documental de um eremitério em São Simão, com o primeiro documento, datado de 1235, a associá-lo a um convento Franciscano. Ao longo dos séculos, são referidos os dois espaços religiosos, com imprecisões e lacunas, mas sempre associados ao lugar de São Simão.

Durante a presente investigação foram identificadas duas estruturas que nos confirmam a reocupação na Baixa Idade Média. A primeira encontra-se sobre o

peristylum da *villa* – trata-se do embasamento de uma estrutura de um edifício humilde, feito com pedra irregular da região, associado a um pavimento exterior, construído com material romano, *tegulae* e tijoleiras (Fig. 8). A segunda estrutura é identificada como uma eira, feita com pedras talhadas, provavelmente reutilizadas da *villa* (Vicente, 2020, 2021).

Dada a escassa cultura material nas unidades estratigráficas ligadas a estas duas estruturas é ainda prematuro associá-las ao ermitério/convento Franciscano. Ainda assim, através da História Seráfica, de António Soledade (1750) sabemos que este convento é formalizado no Ramo Observante em 1448, referindo o autor que Frei João Pombal, 1º Vigário Provincial dos Observantes (Góis, 2009:102) passa uma temporada no «[...] *Convento de S. Francisco da Ribeyra do Ver* [...]» (Soledade, 1750, p.42). Esta estadia deveu-se à missão de edificar cinco conventos dedicados à Regra Observante, com permissão obtida em Bula Papal pelo Pontífice Eugénio IV (1431-1447), depois de no ano anterior ter reunido Capítulo em Alenquer (Rema, 2005; Góis, 2009). «[...] *que não descançaraõ, alguns Frades devotos, antes que o Vigário referido [...] lhe assignasse aquelle lugar por hũ dos sinco Conventos [...]*» (Soledade, 1750: 42;43) - isto é, que o Vigário se decidisse por aquele lugar e que o contasse como um dos autorizados pela Bula. Esta ação poderá coincidir com os movimentos políticos internos que opunham Claustrais e Observantes nos meados do século XV, com o primeiro a tentar ganhar maior número de casas Franciscanas à sua causa, assim como maior independência do movimento rival (Teixeira, 2005).

Relatando uma vida paupérrima e a ineficácia dos serviços monásticos, Soledade (1750) justifica o abandono do espaço, por parte da ordem Franciscana, em 1460. A degradação da qualidade de vida e do trabalho monástico poderá estar relacionada com a morte, em 1449, de Infante D. Pedro, Senhor de Penela que patrocinava generosamente a estadia Franciscana no sopé do Monte de Vez (Góis, 2009). Para trás, o oratório, e as celas vazias, são motivo de romaria por parte da população local, que vê no espaço um terreno sagrado, rezando orações à estátua do padroeiro da ordem, São Francisco.

A Ordem Franciscana acabaria por vender a propriedade em 1581, na angariação de dinheiro para a construção do Convento de São Francisco o Novo, em Penela (Góis, 2009). António Oliveira (1889) alvitra ter sido a família Cabral a realizar a compra, e que

só posteriormente terá passado para a família Abreu Castello-Branco e Melo que transformou a Quinta de São Francisco o Velho em morgadio, como atestado em vários documentos genológicos obtidos na Torre do Tombo.

Tem como primeiro senhor Francisco Cabral de Abreu Castello-Branco e Melo (c.1670-?) nono Senhor da Casa de Abreu Castello Branco, mas foi instituído por seu tio, Francisco de Abreu Castello-Branco e Melo, que morreu sem filhos herdeiros.

Mais uma vez Soledade (1750) refere-se à destruição do altar da capela em 1636, assim como o último vestígio do convento Franciscano no sopé do Monte Vez. A atual Capela da Senhora da Graça poderá então ser a (re)construção de Época Moderna, já sob o patrocínio da família Abreu Castello-Branco, tendo a sua arquitetura aparência de século XVIII. Esta será uma forma de preservar a memória de um espaço intemporalmente ocupado, continuando a ser santificado por um pequeno templo.

5. A NECRÓPOLE DA SENHORA DA GRAÇA

O espaço da capela pode ser balizado como cemitério entre a segunda metade do século XV, aquando do abandono dos franciscanos, e a primeira metade do século XVII, altura em que São Simão se torna propriedade privada, com área estimada em cerca de 4000m², segundo relatos escritos e orais (Fig. 9).

Este balizamento temporal, dado pela informação escrita, é corroborado pelos 59 numismas identificados no contexto sepulcral, na retoma do ritual greco-romano onde se coloca o óbolo no defunto, como forma de pagamento a Caronte na travessia para o mundo dos mortos. A maioria destas moedas são ceitis, e destes a maioria cunhada durante o reinado de D. Afonso V.

A amostra até agora recolhida retrata uma população natural, com todas as faixas etárias e os dois sexos presentes, sem segregação segundo fatores biológicos ou sociais, parecendo-nos as inumações produzidas de forma aleatória (podendo haver algumas que demonstram alguma intencionalidade de proximidade ou coincidência espacial, por motivos de parentesco).

Seguindo os preceitos cristãos, os indivíduos foram sepultados voltados a este, usando o sol nascente como referência. Notam-se algumas variações de ângulo entre sepulturas, que servem como indicador da altura do ano em que foram realizadas, já que o

sol nasce mais a norte no inverno e mais a sul durante o verão, em relação ao eixo O-E.

Apesar de a maioria dos indivíduos ser sepultada em covacho simples, nota-se a utilização de alguns materiais da casa romana na execução das sepulturas, seja como parede, seja como tampa, assim como são também aproveitadas as paredes da casa romana como limite físico das sepulturas.

Apesar de no período Medieval se ter anulado o nível romano com um volume considerável de solo, a Necrópole serviu como causa de alteração, havendo paredes e mosaicos danificados na produção de sepulturas.

Como é espetável, quanto mais próximo da capela, maior é a densidade de sepulturas por m², existindo inumações sucessivamente cortadas na execução de outras, sendo a área do compartimento (l) e (d') a mais densamente usada, de acordo com o escavado até à data.

Por fim, do ritual de inumação faria parte o envolvimento do corpo com um pano branco, ou sudário, do qual temos como testemunho não só o registo fóssil na patine de oxidação dos numismas, mas também em alfinetes com que seriam presos os tecidos. Com 113 inumações identificadas até ao momento foi possível estabelecer um número mínimo de 131 indivíduos, com a adição de 2 reduções e peças de um mínimo de 14 indivíduos dispersas pelos sedimentos (por destruição de sepulturas).

Calculando apenas o estado de preservação dos indivíduos em inumação, observamos que no geral a amostra encontra-se em bom estado de preservação com 57,6% de ICA (índice de conservação anatômica). Observou-se que os não adultos apresentam 50% de ICA, e adultos 68,8%, diferenças provavelmente relacionadas com os fatores intrínsecos ao esqueleto, sendo o esqueleto imaturo mais frágil e mais suscetível aos fatores tafonómicos.

Até à atualidade o sexo mais representado é o masculino com 28 indivíduos diagnosticados, em oposição a 18 indivíduos femininos.

Quanto à pirâmide etária podemos observar que 64,9% (85/131) são não adultos, sendo que 57,3% (75/131) correspondem a indivíduos da segunda infância para baixo. Comparando esta com outras disponíveis, percebemos que estamos perante uma amostra singular, com a representação de cada faixa etária, além de colmatar a falta de não-adultos, característica das amostras arqueológicas (Cunha, 1994; Cardoso 2003-04; Cunha, 2001; Ferreira, 2005).

A percentagem de não-adultos torna-a uma relevante representação, comparável com Marialva (40%), Fão (36%) e Miranda-do-Corvo (59,4%) (Simões, 2021), sendo ultrapassada por Serpa (~80%) (Cunha, 1994, 2001; Ferreira, 2005).

6. CONSERVAÇÃO E SALVAGUARDA DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO

A conservação *in situ* de estruturas arqueológicas é considerada a alternativa mais adequada para evitar a descontextualização dos vestígios. Ao longo da investigação, a intervenção *in situ* tem acompanhado o processo de escavação arqueológica no sentido de minimizar os danos associados e permitir uma maior estabilidade aos vestígios que vão sendo colocados a descoberto. Tratamentos, como a limpeza, consolidação e remate das áreas de lacuna e limites dos pavimentos, são ações consideradas prioritárias e de urgência, como resposta imediata face às necessidades dos vestígios expostos (Fig. 10).

O objetivo da nossa intervenção é assegurar a sobrevivência e conservação das estruturas arqueológicas, facilitando a melhor compreensão do espaço, proporcionando uma visão de conjunto, para estudo e fruição. Pretende-se devolver a estabilidade estrutural das salas, restituindo a coesão das estruturas e pavimentos, assim como devolver uma aparência semelhante ao aspeto original, assumindo as intervenções efetuadas ao longo das diferentes fases de ocupação e a degradação natural produzida pelo passar do tempo, primando sempre pela mínima intervenção.

Os vestígios arqueológicos conservados *in situ* estão agora protegidos no interior de uma estrutura projetada para o efeito, preservando-os dos fatores de degradação externos, sendo a primeira exigência suprida ao nível do plano de conservação preventiva. A estrutura de proteção permite, ainda, o acesso ao público, a continuidade dos trabalhos de escavação arqueológica, estudo e manutenção. Esta medida pode e deve ser entendida como parte de uma estratégia global de valorização do património histórico cultural, apoiada na investigação e conservação dos vestígios arqueológicos.

7. CONCLUSÃO

A *Villa* romana de São Simão vem acrescentar mais alguns dados à ocupação romana do vasto território

de *Conimbriga*, permitindo conhecer a dispersão da construção em meio rural e a vida no campo. Conhece-se para já o nome de um dos proprietários da *Villa*, CATVRO, inferindo-se ainda a riqueza e poder económico da família, evidente na opulenta decoração da habitação. Contudo, este não terá sido o único proprietário. Terão existido outros que deixaram a sua marca na edificação, refletindo o gosto estético e poder económico de cada período.

Os mosaicos da *Villa* levantam questões quanto à sua autoria. O panorama musivo repetido, aqui e ali, em *Conimbriga*, Rabaçal, Santiago da Guarda e, ainda, em vários sítios da província da Lusitânia, colocam diversas perguntas aos investigadores, entre elas destacamos a origem dos seus criadores: seriam mosaicistas de oficinas itinerantes ou oficinas regionais? Esta e outras questões deverão ser respondidas com a continuidade da investigação.

A localização da *pars urbana*, poderá ajudar na perceção de uma das causas que motivou a destruição deste espaço. Foi construída no leito de cheia do rio Dueça, tratando-se por isso de uma edificação vulnerável, pois nos invernos mais perlongados e chuvosos, seria frequente as águas galgarem as margens do rio, dando origem a inundações nos terrenos agrícolas e consequentemente na habitação romana. Estas inundações seriam e continuam a ser benéficas para a atividade agrícola, no entanto, a conservação desta estrutura terá ficado comprometida. As vicissitudes da ocupação desta *villa* ainda são pouco conhecidas, mas é-nos já possível afirmar que algumas das reconstruções/remodelações ocorridas neste espaço estarão intimamente ligadas à presença abundante de água.

A reocupação na antiguidade tardia e presença de uma população com costumes diferentes aos dos romanos, retiraram a opulência que em tempos se observou, facilitando a degradação/destruição do sítio. A adaptação de várias áreas da *villa* modificaram a habitação, tirando-lhe o encanto e funcionalidade de outrora.

Após o abandono e desmoronamento do edifício, o espaço terá servido como chão consagrado por franciscanos, dando lugar a uma grande necrópole de época moderna (século XV-XVII), associada a uma pequena capelinha com orago diferente ao que seria originalmente. O estudo antropológico, em curso, dos indivíduos pode fornecer um alargado leque de informações sobre as condições socioeconómicas da população nos finais da Época Medieval e início

da Época Moderna, numa região ruralizada das cercanias de Coimbra. Mais tarde esquecido e abandonado pela população, o chão agrícola ganha terreno e cobre as memórias do passado.

Seguramente a continuação do projeto de investigação nos anos vindouros irá fornecer mais informações na construção da história e mística que rodeia este local.

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, Jorge de (1988) – *Roman Portugal*. Vol. II Warminster: Aris & Phillips.

ARNAUT, Salvador Dias; DIAS, Pedro (1983) – *Penela: história e arte*. Penela: Câmara Municipal.

AZEVEDO, Pedro de A. (1902) – Importante achado archeologico. In *O Archeologo Português*. 7, pp. 59-61.

BALMELLE, Catherine; BLANCHARD-LEMÉE, Michèle; DARMON, Jean-Pierre; BARRACA, Nuno (2018) – Prospeção geofísica na *villa* romana de S. Simão (Penela) (policopiado).

CARDOSO, Hugo (2003-2004) – Onde estão as crianças? Representatividade de esqueletos infantis em populações arqueológicas e implicações para a paleodemografia. In *Antropologia Portuguesa*. Coimbra: SerSilito-Maia. vol. 20-21, pp. 237-266.

CARVALHO, Pedro Cardoso (2020) – 409-411 Chegam os bárbaros, in *História Global de Portugal*, coordenação: João Luís Cardoso, Carlos Fabião, Bernardo Vasconcelos e Sousa, Cátia Antunes, António Pinto, FCT, I.P., Associação Mutualista Montepio, Fundação Eng. António Almeida, The Navigator Company, Círculo de Leitores. pp. 141-146.

CUNHA, Eugénia (1994) – *Paleobiologia das Populações Medievais Portuguesas. Os casos de Fão e São João de Almedina*. Tese de Doutoramento para obtenção do grau de Doutor apresentada ao Departamento de Antropologia, FCTUC. Coimbra.

FERREIRA, Teresa (2005) – *Crescimento na Idade Média: contributo de uma série osteológica*. Dissertação de Mestrado em Evolução Humana para obtenção do grau de Mestre apresentada ao Departamento de Antropologia da FCTUC. Coimbra.

FREIJEIRO, António Blanco (1978) – *Corpus de mosaicos romanos de Espanha*, fascículo I – Mosaicos Romanos de Mérida, Madrid.

GOIS, Correia (2009) – *O convento de Santo António de Penela (1448-1834)*. Coimbra: Ediliber, Lda.

GOZLAN, Suzanne; RAYNAUD, Marie-Pat (1985) – *Le décor géométrique de la mosaïque romaine: répertoire graphique et descriptif des compositions linéaires et isotropes*. Paris: Picard.

GRUPO Mérida (2003) – *Atlas antroponímico da Lusitania Romana*. Mérida: Fundación de Estudios Romanos; Bordeaux: Ausonius.

JARNAUT (1915) – *Monografia do município penelense. Narração dos factos aqui decorridos desde os tempos primitivos até 1910*. Lousã: Ed. do Autor.

NEVES, et al. (2004) – A escavação de necrópoles e recuperação de vestígios osteológicos humanos em contexto de emergência: questões de método e de princípio. In *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*. Disponível em: <https://woc.uc.pt/antropologia/getFile.do?tipo=6&id=446>.

OLIVEIRA, Delfim (1889) – *Suplemento às notícias de Penella*. Lisboa: Typographia da Casa de Minerva.

OLIVEIRA, Cristina (2005) – *Mosaicos de Conímbriga*, X Colóquio Internacional da Associação Internacional para o Estudo do Mosaico Antigo (AIEMA), Conimbriga.

PESSOA, Miguel (2005) – Contributo para o estudo dos mosaicos romanos no território das *civitates* de Aeminum e de Conimbriga, Portugal. In *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 8:2, pp. 363-401.

REMA, Henrique (2005) – *A Ordem Franciscana em Portugal no século de ouro do Rei D. Manuel I*. In III Congresso Histórico de Guimarães – D. Manuel e a sua época. Câmara Municipal de Guimarães, pp. 139-161.

SIMÕES, Flávio (2021) – *Do Caramito ao Alto do Calvário – Estudo arqueotanológico, paleobiológico e Paleopatológico dos indivíduos exumados da Necrópole Rupestre do Alto do Calvário, Miranda do Corvo*. Dissertação no âmbito do Mestrado de Evolução e Biologia Humanas para a obtenção do Grau de Mestre, apresentada ao Departamento de Ciências da Vida, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra.

TEIXEIRA, Vítor (2005) – *Fr. João da Póvoa e o movimento da Observância Franciscana Portuguesa entre 1447 e 1517*. In *Lusitania Sacra*; 2ª série, 17; Centro de Estudos de História Religiosa, pp. 227-254.

PESSOA, Miguel; RODRIGO, Lino; VICENTE, Sónia (2001) – *Relatório da villa romana de S. Simão* (policopiado).

PESSOA, Miguel; VICENTE, Sónia (2004) – *Relatório da villa romana de S. Simão* (policopiado).

RIBEIRO, Luís (2015) – *Contributo para uma visão global dos pavimentos de mosaico da Villa romana de Santiago da Guarda, Ansião*, In *Actas do Encontro Portugal-Galiza – Mosaicos Romanos – Fragmentos de Cultura nas Proximidades do Atlântico*, APECMA, pp. 71-91.

RODRIGUES, Ana (2012) – Relatório final dos trabalhos arqueológicos de acompanhamento à casa unifamiliar de David Gonçalves.

SOLEDADE, Fernando (1750) – *História seráfica cronológica da ordem de S. Francisco na província de Portugal*. Tomo III. *Refere os seus progressos em tempo de sinquenta & dous annos, do de 1448 a 1500*. Lisboa: Oficina de Manoel Joseph Lopes Ferreyra. Disponível em < <http://purl.pt/20706/4/> >.

VICENTE, Sónia; SIMÕES, Flávio (2015) – *Relatório do acompanhamento arqueológico obra de execução de rede pública de drenagem de águas residuais no lugar de serradas da Freixiosa e relatório de escavação da villa romana de S. Simão e necrópole da Capela da Senhora da Graça* (policopiado).

VICENTE, Sónia; ENCARNÇÃO, José d'; MENDES, Ana; SIMÕES, Flávio; DUARTE, Mário (2019) – Mosaico com inscrição na villa romana de S. Simão, Penela. *Ficheiro Epigráfico*. 183.

VICENTE, Sónia; SIMÕES, Flávio, MENDES, Ana (2019) – Relatório de Progresso da Escavação da villa romana de São Simão e Necrópole da Capela da Senhora da Graça in Relatório Projeto de Investigação Plurianual de Arqueologia 2016-2019.

VICENTE, Sónia; SIMÕES, Flávio; MENDES, Ana (2020) – Relatório de Final do PIPA 2016-2020 Escavação da villa romana de São Simão e Necrópole da Capela da Senhora da Graça in Relatório Projeto de Investigação Plurianual de Arqueologia 2016-2020.

VICENTE, Sónia (2021) – *O homem e o território no Sicó – Proposta para o Centro de Interpretação do Sítio Arqueológico de São Simão, Penela*, Dissertação no âmbito do Mestrado em Património Cultural e Museologia para a obtenção do Grau de Mestre, apresentada ao Departamento de Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

WHITE, Time (2005) – *The Human Bone Manual*; Elsevier Inc. London.

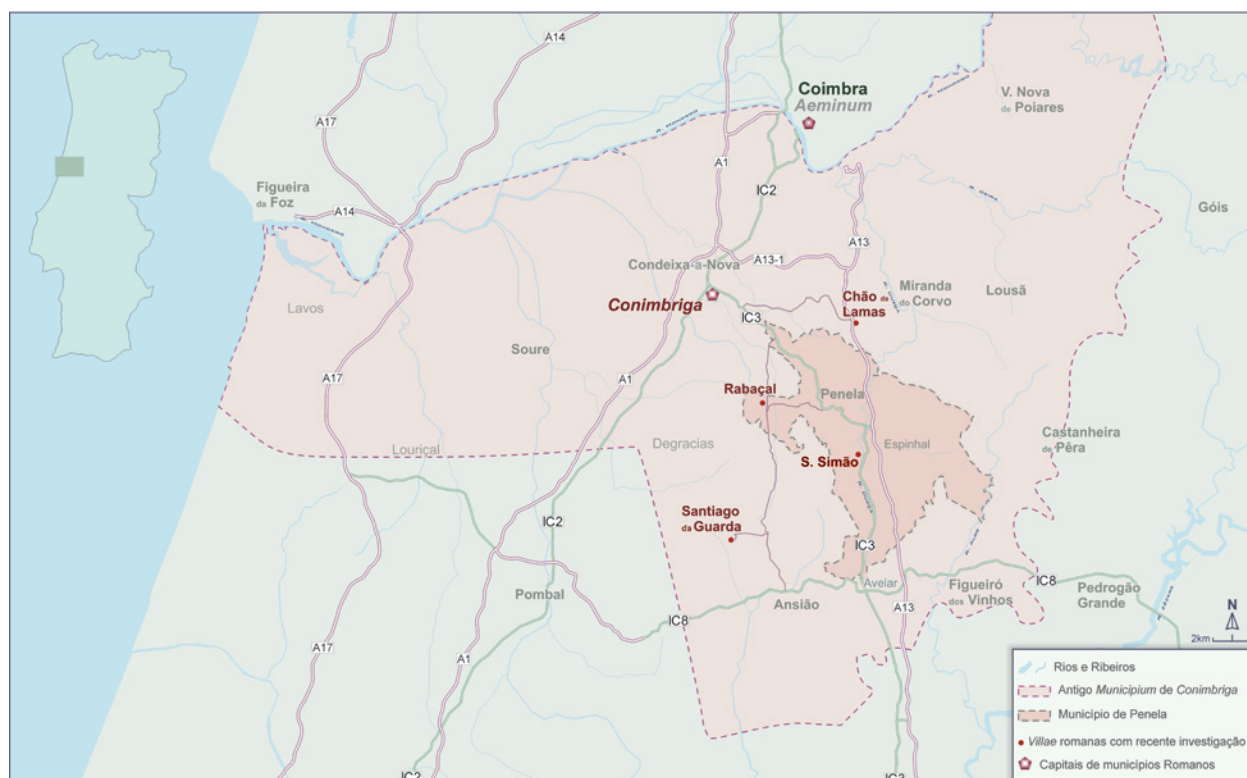


Figura 1 – Localização de sítios arqueológicos do *municipium* de Conimbriga.



Figura 2 – Fotografia aérea do vale do Dueça. © Francisco Pedro.



Figura 3 – Fotografia da aérea escavada até 2020. © Francisco Pedro.

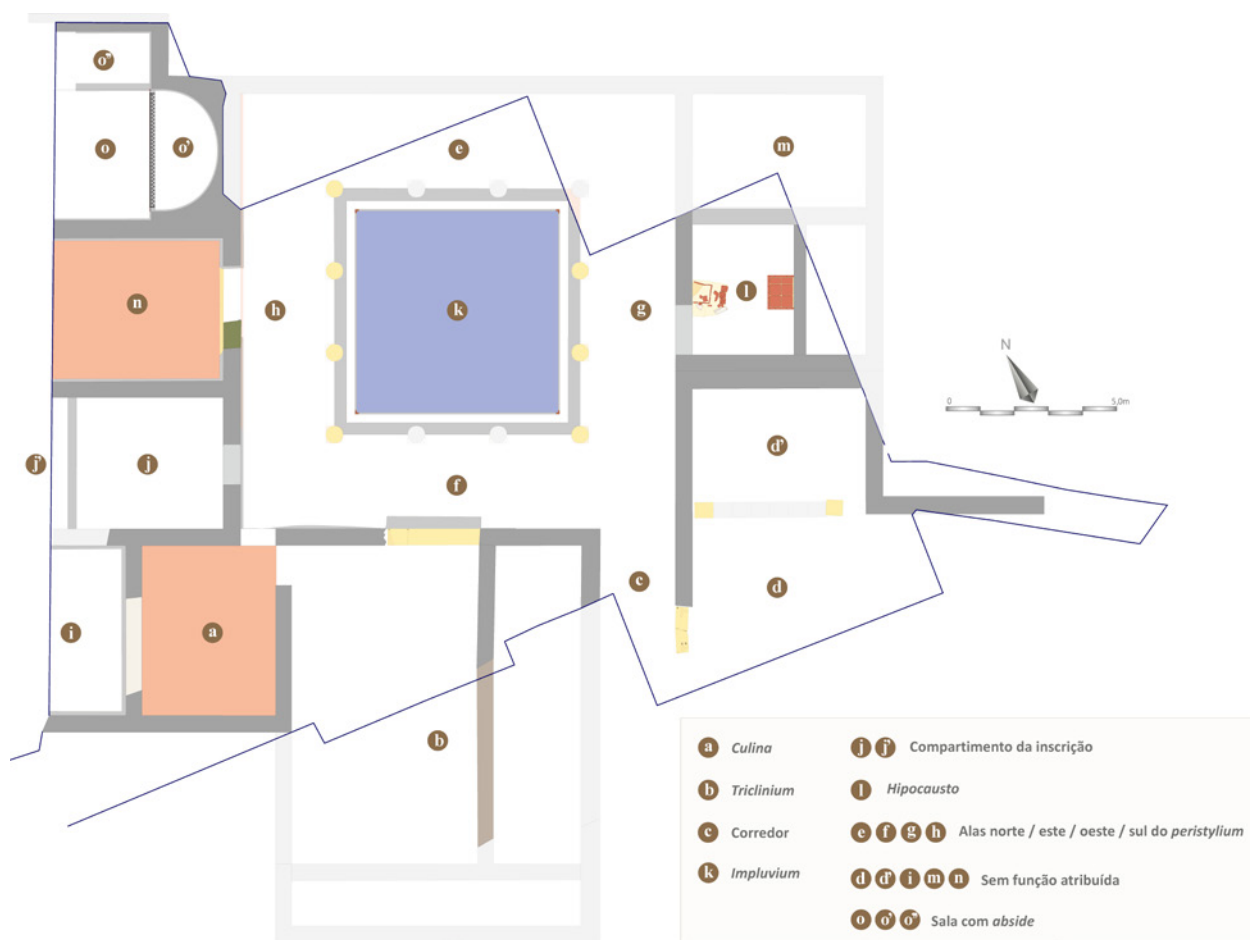


Figura 4 – Planta da *pars urbana*.

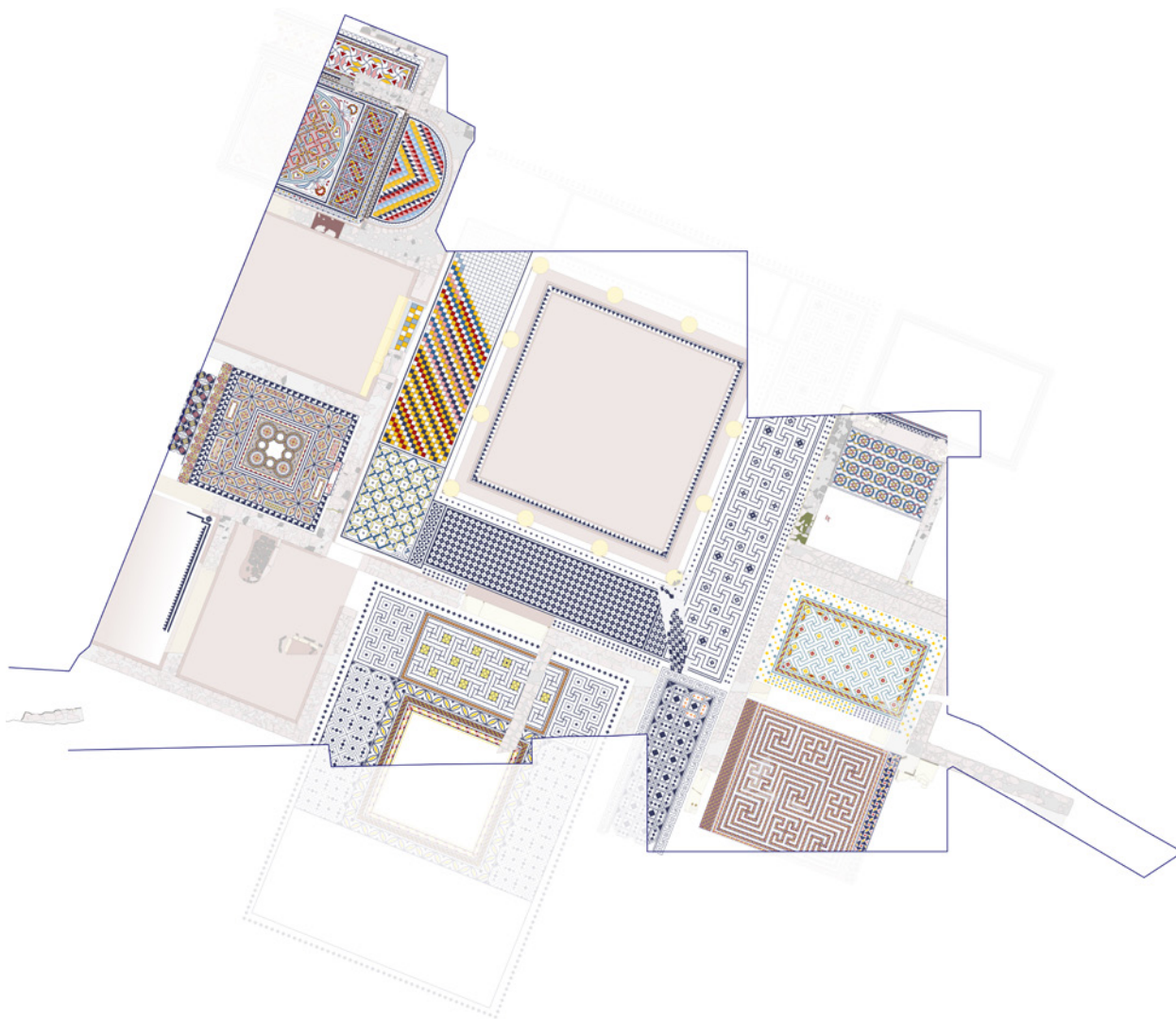


Figura 5 – Reconstituição gráfica dos pavimentos musivos.



Figura 6 – Inscrição do mosaico do compartimento (j).



Figura 7 – Mosaicos do compartimento (o, o', o''). © Francisco Pedro.



Figura 8 – Estrutura medieval. © Francisco Pedro.

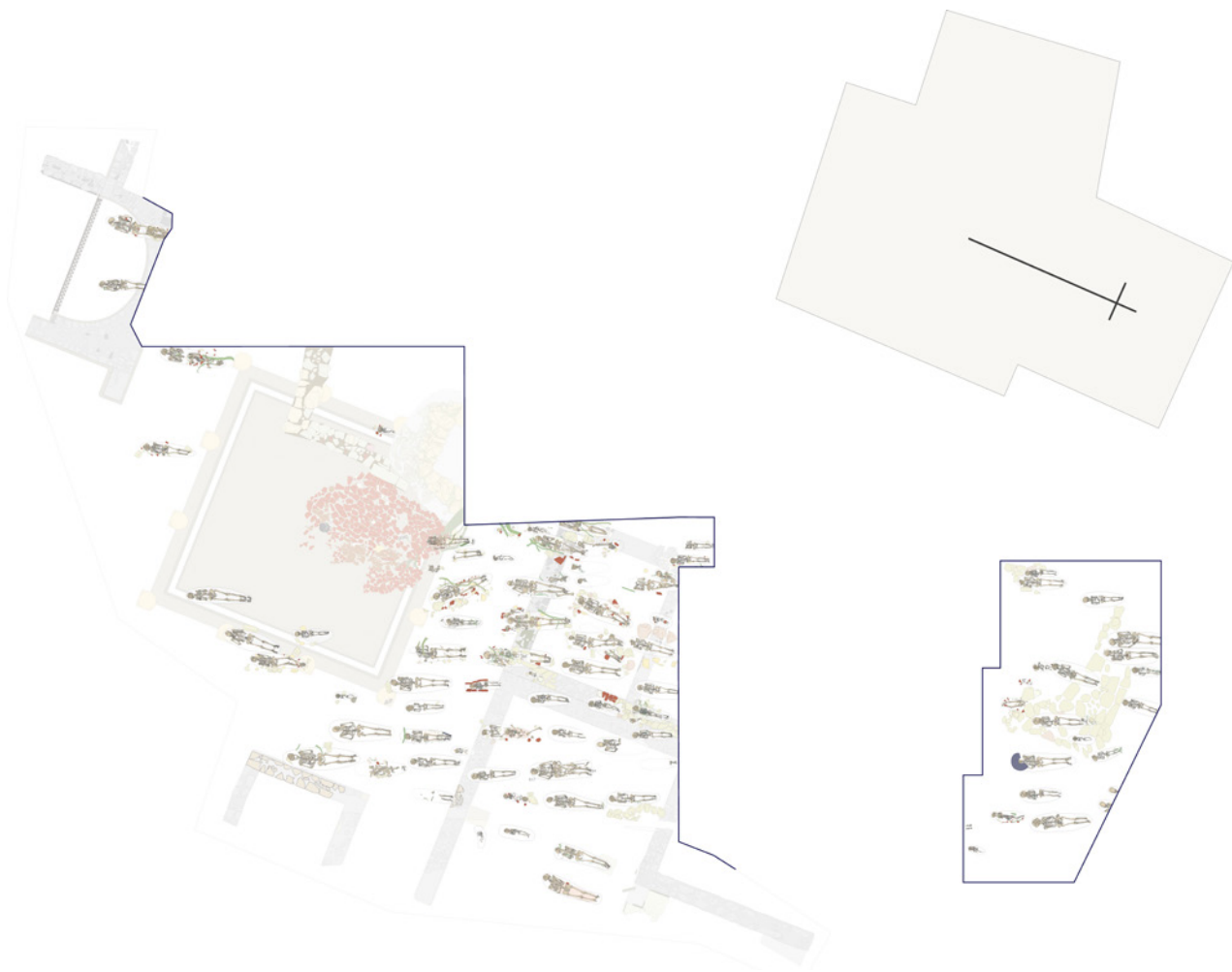


Figura 9 - Planta da necrópole.



Figura 10 – Trabalhos de conservação e restauro *in situ*.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE D
COIMBRA


INSTITUTO
ARQUEOLÓGICO
DIREÇÃO - FACULDADE DE LETRAS - UO
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

Coimbra

 **seminário
maior de coimbra**